



Júlio César: a arte militar ao serviço da política

Autor(es): Monteiro, João Gouveia

Publicado por: Imprensa da Universidade de Coimbra

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/44719>

DOI: DOI:https://doi.org/10.14195/978-989-26-1564-6_4

Accessed : 21-Nov-2019 07:43:21

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

História Antiga: Relações Interdisciplinares.

Fontes, Artes, Filosofia,
Política, Religião e Recepção

Carmen Soares, José Luís Brandão &
Pedro C. Carvalho (coords.)

JÚLIO CÉSAR – A ARTE MILITAR AO SERVIÇO DA POLÍTICA (Julius Caesar – The Military Art at the service of Politics)

JOÃO GOUVEIA MONTEIRO (joao.g.monteiro@sapo.pt)
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

RESUMO - Este texto tem como objetivo revisitar a carreira de Caio Júlio César, em especial no plano político e militar, e tentar compreender se esta personagem central da história tardia da República romana foi sobretudo um general ou um político. Para o efeito, recorda-se a sua formação intelectual e física, os seus primeiros passos na arte da guerra, a sua campanha na Gália e a guerra civil que disputou e venceu contra os pompeianos. Discute-se igualmente a mestria de César como general, tentando perceber se ele pode ser considerado um inovador em matéria de arte militar, ou se foi antes um aplicador genial das velhas receitas bélicas oriundas da tradição romana (Cipião, Mário, entre outros). A conclusão é a de que, para Júlio César, a guerra nunca foi um objetivo em si mesma, mas sim um meio para alcançar os seus ambiciosos propósitos políticos.

Palavras-chave - Júlio César; exército romano; Guerra das Gálias; arte militar antiga; Idos de Março.

ABSTRACT - This article aims to revisit the career of Gaius Julius Caesar, particularly in political and military terms, and to understand whether this central character in the late history of the Roman Republic was mainly a general or a politician. For this purpose, it is recalled his intellectual and physical training, his first steps in the art of war, his campaign in Gaul and the civil war that he disputed and won against the Pompeian. It is also discussed the mastery of Caesar as a general, in order to understand whether it can be considered an innovator in the field of military art, or rather an ingenious performer of the old warlike formulas carried over from the Roman tradition (Scipio, Mario, Sula). The conclusion is that for Julius Caesar, war was never a goal in itself but a means to achieve his ambitious political purposes.

KEYWORDS - Julius Caesar; Roman army; Gallic Wars; ancient warfare; ides of March

Estima-se que Caio Júlio César tenha nascido no dia 13 de julho do ano 100 a.C., sendo certo que faleceu a 15 de Março de 44 a.C., poucos meses antes de completar 56 anos de idade. Ao longo da sua vida, César distinguiu-se como escritor (é um dos mais apreciados prosadores latinos), como advogado (foi

dos poucos capazes de impor respeito na Rostra a causídicos como Marco Túlio Cícero ou Hortênsio), como general (sobretudo na Gália e na guerra civil contra os pompeianos) e como político (antecipando, no fundo, a transição de uma República agonizante para um Império florescente).

Perante tão multifacetada personagem, certamente a mais conhecida e mediática de toda a história romana (a literatura, o teatro, o cinema e até a banda desenhada que o digam!) podemos perguntar: afinal, Júlio César foi, acima de tudo, um político determinado, astuto e visionário, ou um genial comandante militar? Não é fácil responder a esta questão, de tal forma imbricadas se encontram as duas facetas na figura e na carreira invulgares do precursor dos *kaisers* e dos *kzars*. Vamos por partes.

César nasceu numa família distinta – a dos Júlios – e com algum *pedigree* político. O seu pai, Caio César, foi cônsul em 144 a.C. e teve uma carreira bem-sucedida. Mais significativo ainda: a sua tia Júlia (irmã do pai) casou com Caio Mário, seguramente uma das figuras mais importantes e renovadoras da política romana do primeiro quartel do século I a.C. No entanto, atendendo ao falecimento precoce do pai, em 86 a.C. (Júlio César não teria então mais do que 14 anos), a influência mais forte que a nossa personagem recebeu veio da mãe, Aurélia, da família dos Cotas (antigos aliados de Lúcio Cornélio Sula).

Os Júlios eram patrícios e a família argumentava que o seu nome provinha do de Íulo, filho de Eneias, reclamando assim uma ascendência divina para os seus, já que Eneias descendia de um humano (Anquises, príncipe troiano e primo do rei Príamo) e de uma deusa (Afrodite, a Vénus dos Romanos)... Júlio César não se esqueceu de tirar bom partido desta tradição, e sabe-se que, no seu célebre discurso no funeral da tia Júlia, em 69 a.C., não deixou de invocar a origem divina da família.

Em matéria de educação, o jovem César fez o percurso expectável num jovem da sua condição e do seu tempo: aprendeu latim e grego; estudou filosofia, (nomeadamente estóica, com Apolodoro de Tarso) e retórica (tendo-se mesmo deslocado a Rodes, em 75 a.C., para escutar as lições de Apolónio Mólón); e cultivou as virtudes tradicionais romanas: a dignitas, a pietas e a virtus. Terá tido um tutor doméstico, o *paedagogus* Marco António Gnífon, e não descurou, nem as leituras de formação militar (Catão, Xenofonte, Euménio de Cardia, Calístenes, Proseno, o biógrafo de Pirro), nem o treino físico (esgrima, equitação, natação). Não possuía, é certo, a estampa de um grande atleta e é sabido que tinha algumas limitações de saúde (em especial, epilepsia), o que contudo não o impediu de se mostrar um soldado extremamente determinado e resistente (a verdade é que, aos 51 anos, se salvou a nado em Alexandria, após um ataque contra uma das pontes que uniam a cidade à ilha de Faro!)¹.

No plano íntimo, os vários casamentos de Júlio César traduzem escolhas (suas

¹ Goldsworthy 2008: 49–61.

e da família) que ilustram inequívocas ambições políticas. Logo em 84 a.C., com apenas 16 anos, contraiu matrimónio com Cornélia (uma filha de Cina, que foi cônsul quatro vezes e que era provavelmente o homem mais poderoso de Roma antes da ditadura de Sula); Cornélia morreu de parto em 69 a.C., deixando uma filha, Júlia, nascida entre 83 e 76 a.C. e que foi a única descendente legítima de Júlio César, tendo casado com Pompeio em 59 a.C. (no âmbito das alianças do «Primeiro Triunvirato») e falecido (também de parto) em 54 a.C., numa altura em que o pai se aprestava para entrar na fase decisiva das suas campanhas na Gália. Viúvo, Júlio César voltaria a casar em 67 a.C., aos 33 anos, desta feita com Pompeia, uma neta de Lúcio Cornélio Sula; divorciaram-se em 62 a.C., na sequência do escândalo da *Bona Dea* (à mulher de César não bastava ser honesta, também era preciso que o parecesse...). O último casamento de César ocorreu quando este tinha já 41 anos (em 59 a. C.) e a terceira noiva foi Calpúrnia, uma filha de Lúcio Calpúrnio Pisão, que seria cônsul no ano seguinte, por acordo dos primeiros triúmviros; Calpúrnia sobreviveu ao marido, tendo sido poupada nos trágicos acontecimentos dos Idos de Março.

Politicamente, Júlio César cumpriu um *cursus honorum* exemplar: foi questor em 69 a.C. (na Hispânia), edil em 65, pretor em 61 (também na Hispânia) e cônsul por cinco vezes (em 59, em 48, em 46, em 45 e em 44, neste último caso com designação por dez anos). Foi igualmente procônsul, de modo a poder completar as suas campanhas na Gália sem perda do *imperium*; e foi ditador várias vezes, a primeira em 48 a.C. (por apenas 11 dias, para organizar as eleições consulares na ausência dos cônsules, motivada pela guerra civil com Pompeio Magno), a segunda pouco depois (neste caso por um ano, nomeado pelo cônsul Servílio Isaurico), a terceira em 46 a.C. (por 10 anos) e a última em 44 (com o estatuto de “ditador perpétuo”, pouco tempo antes do seu assassinato, *et pour cause*). Para terminar, foi ainda nomeado censor vitalício, possivelmente no ano da sua morte².

A esta extraordinária carreira política, devemos associar uma notável carreira nas honras religiosas, que foi fulcral na sua ascensão: Júlio César foi *flamen Dialis* (sacerdote de Júpiter) logo em 87 a.C. (com apenas 13 anos); chegou a *Pontifex Maximus* em 63 a.C. (na sequência de uma eleição decisiva e disputadíssima, que venceu graças ao apoio que concedera a Pompeio anos antes, para que este obtivesse o comando das guerras contra os piratas e contra Mitridates: *lex Gabinia* e *lex Manilia*); e integrou o Colégio dos Pontífices desde 73 a.C.³.

Uma carreira (política e religiosa, já para não insistir na sua reputação de bom advogado) tão completa e recheada só foi possível à custa de muita perseverança, de muitas cumplicidades (o que era inevitável em Roma) e de não poucas extravagâncias financeiras. Foi também graças a estas que Júlio César se

² Brandão 2015: 389-395 e 417-419.

³ Goldsworthy 2008: 166-168.

conseguiu afirmar na vida pública e nas magistraturas, tendo conseguido ofuscar o seu colega Marco Calpúrnio Bíbulo logo enquanto edil, graças às sumptuosas festividades que proporcionou ao povo romano. Esta marca acompanhou César durante toda a sua vida, sendo sempre recordada a espetacularidade com que celebrou os seus triunfos militares pluricontinentais, com 22 000 mesas para comensais, procissões com 20 elefantes e tochas, etc. Esta maneira de fazer política, tão ao gosto dos populares (“em César escondem-se muitos Mários”, terá um dia avisado Sula) quase levou o seu promotor à falência, por diversas vezes; sabe-se que foi Marco Licínio Crasso (um dos homens mais ricos de Roma na primeira metade do século I a.C.) que salvou César, com generosos empréstimos que apenas seriam saldados depois da vitória na Gália e da restauração de Ptolomeu XII “Aulete” como soberano do Egito (ação que terá rendido avultadas luvas a César e a Pompeio).

Pessoa de forte encanto pessoal (são-lhe conhecidas diversas amantes, as mais famosas das quais são decerto Servília, da histórica família dos Júnios, e Cleópatra, a última da linhagem dos Ptolomeus), Júlio César saboreou sempre com vaidade e com orgulho a sua popularidade e fez dela uma arma extremamente eficaz, tanto na condução da política como da guerra, onde o “homem da capa vermelha” se distinguiu desde cedo. Em 72 a.C., foi tribuno militar e deve ter servido na guerra contra Espártaco; mas antes já tinha combatido na Ásia, na guerra contra Mitridates, e ganhara a coroa cívica muito jovem, no cerco de Mitilene (entre 80 e 78 a.C., ao salvar um companheiro nesta cidade da ilha de Lesbos). Depois de ter sido raptado por piratas na ilha de Farmacusa, na Ásia Menor, quando se encaminhava para Rodes (em 75 a.C.), não só recuperou o dinheiro do seu resgate e castigou duramente os seus captores como tomou a iniciativa de recrutar tropas auxiliares para expulsar da província da Ásia um general de Mitridates (74 ou 73 a.C.). Em 61-60 a.C., de regresso à Hispânia, agora na condição de propretor, distinguiu-se na resistência aos ataques perpetrados pelos Galécios, tendo então sido aclamado como *imperator* pelos seus próprios soldados.

Todas estas aventuras proporcionaram a Júlio César uma experiência marcial extremamente enriquecedora e fizeram do jovem um líder militar nato, inculcando nele as principais marcas do seu notável generalato: grande tenacidade; ótima relação com os soldados; rapidez na marcha e na execução de movimentos ofensivos; grande capacidade para tirar partido do efeito surpresa; extrema resistência física; rara aptidão para otimizar as potencialidades da engenharia romana (rampas de assalto, valas de circunvalação e de contravalção, fossos, bons acampamentos); e pródiga generosidade para com os seus companheiros de armas.

Todas estas qualidades foram claramente aprofundadas no grande desafio militar enfrentado (e largamente desejado) por Júlio César entre 58 e 51 a.C.:

a guerra das Gálias. Aqui, nem tudo lhe correu bem, e tanto ele como os seus legados sofreram revezes significativos (por exemplo, nas Ilhas Britânicas, na Bélgica ou em Gergóvia). Todavia, tal como refere Yann Le Bohec⁴, César sabia à partida que, tendo em conta as forças em presença, tinha grandes possibilidades de sair vitorioso desta guerra.

Na verdade, como explica Giovanni Brizzi⁵, os Gauleses tinham a seu favor o facto de possuírem um elevado potencial militar (cerca de 10 milhões de habitantes, a grande maioria deles mobilizáveis), ao passo que Roma não terá empenhado no conflito mais do que 50 000 homens. Além disso, os combatentes gauleses eram, em geral, fisicamente poderosos e excelentes cavaleiros, sendo também bastante experientes e arditos nas técnicas da guerrilha, que não constituíam o forte dos exércitos romanos. Apesar disso, as hostes da águia dispunham de um armamento bastante superior e muito mais homogéneo, com destaque para o elmo, para a *lorica hamata* (que assegurava uma vantagem de 3 para 1, relativamente a um combatente de igual força e destreza, mas desprovido de panóplia defensiva), o gládio (mais sólido do que a espada longa gaulesa, e capaz de ferir também de ponta) e o *pilum* (que era um dardo muito superior aos que os Gauleses arremessavam). Ao mesmo tempo, sobretudo desde as reformas militares de Caio Mário (por volta do ano de nascimento de Júlio César), os legionários eram intensivamente treinados, individualmente e em grupo, o que os convertia numa máquina de guerra bem mais disciplinada e eficiente do que os seus adversários. Este treino regular refletia-se também na capacidade para organizar colunas de marcha rigorosas (e César dedicou muita atenção a isto, como se vê nas suas campanhas de 57 a.C., em que coloca as bagagens no centro, bem protegidas, à frente e atrás, por infantaria legionária) e para instalar acampamentos fortificados muito difíceis de assaltar.

Em batalha campal (solução que os Gauleses também apreciavam), os Celtas acometiam com grande furor, em fileiras cerradas (em especial os Helvécios e os Belgas), mas depois tinham dificuldade em reagir e em reorganizar-se, caso os seus adversários fossem capazes de conter a ofensiva. Pelo contrário, nesta altura, os exércitos romanos beneficiavam já, amplamente, das reformas táticas introduzidas desde a época de Cipião «o Africano» (que de certo modo reinventou a forma de combater dos Romanos, inspirando-se parcialmente nos costumes marciais púnicos e no genial exemplo de Aníbal Barca) e posteriormente aperfeiçoadas por generais como Caio Mário ou Lúcio Cornélio Sula. Em especial, as legiões adotavam o dispositivo em coortes, bastante flexível e que garantia uma articulação soberba entre solidez e agilidade. Além disso, sabiam fazer bom uso de reservas táticas que permitiam recompor as linhas e colmatar as lacunas mais perigosas durante o próprio combate. Júlio César evidenciou grande

⁴ Le Bohec 2001:150.

⁵ Brizzi 2008: 27-28.

mestria no uso de reservas táticas na batalha de Bibracte, contra os Helvécios, em 58 a.C.: ao ver-se subitamente envolvido no flanco direito por cerca de 15 000 guerreiros ainda frescos (Boios e Tulingos), recorreu à sua terceira linha para conjurar o perigo e neutralizar com sucesso a investida adversária⁶.

Confrontado com o recurso sistemático à guerrilha, por parte dos Gauleses (Morinos, Menápios, Eburões, entre outros), César foi clarividente o suficiente para conseguir organizar dispositivos de contra-guerrilha eficazes: por um lado, rasgou vastas zonas abertas em redor das posições fixas dos Romanos e mandou espalhar nelas troncos de árvores; desse modo, os legionários avistavam mais cedo os seus adversários e dificultavam a sua progressão, garantindo às guarnições dos acampamentos um tempo precioso para organizarem a resistência; por outro lado, ordenou por diversas vezes a destruição das regiões inimigas envolventes, fomentando o pânico e o desalento entre os seus adversários, que assim se confrontavam com a perda de grandes quantidades de gado, de colheitas e de habitações ou de equipamentos produtivos⁷.

Para compensar a sua inferioridade em tropas de cavalaria (como se sabe, em cada legião, o número de cavaleiro era quase residual: apenas 120 em 5240 homens, no tempo de Augusto), Júlio César recorreu com sucesso à contratação de corpos auxiliares montados, em especial de origem nómada (norte-africana, excepcionalmente ágil e veloz) ou germânica (bastante robusta e eficiente). Isso permitia-lhe equilibrar a relação entre as 'armas' convencionais (infantaria / cavalaria) e fazer sobressair de forma ainda mais esplendorosa um recurso que os Gauleses de todo não possuíam: uma engenharia militar avançadíssima, que nesta época beneficiou imenso dos ensinamentos de Vitruvius Polião, o que dotava as legiões romanas de uma capacidade de execução de manobras poliorcéticas excecionais, tanto no plano ofensivo como no plano defensivo (tal como se viu em Alésia, em 52 a.C.). Mas também noutras operações menos conhecidas, a capacidade de recorrer à construção de obstáculos artificiais foi decisiva, como sucedeu na batalha do Aisne, em 57 a.C., contra os Belgas, em que César preveniu o envolvimento adversário mandando rasgar dois fossos laterais virados para o inimigo e protegidos na frente por artilharia romana⁸.

Vencida, sem contestação, a guerra da Gália (uma Gália que, no fundo, e mau grado a propaganda cesariana, era então um mosaico de mais de meia centena de povos propensos à rivalidade e com uma aristocracia em crescendo, capitalizando as prerrogativas de uma realeza decadente), César partiu em busca do seu objetivo político supremo: a conquista do poder em Roma, num cenário de rotura entre os membros do «Primeiro Triunvirato» fortemente agudizado após o falecimento de Júlia (casada com Pompeio e elo de ligação afetiva entre os dois

⁶ César, *G. Gálias*, Liv. 1, 23-26, 79-82.

⁷ Brizzi 2008: 28.

⁸ César, *G. Gálias*, Liv. 2, 8-10, 106-108.

homens fortes de Roma) e, sobretudo, depois da morte de Crasso, ocorrida na batalha de Carras no ano seguinte (53 a.C.).

Ao estudarmos os acontecimentos da guerra civil entre cesarianos e pompeianos, que em última análise se prolonga desde os inícios de 49 até meados de março de 45 a.C., reconhecemos um César mais maduro e mais eficiente do que nunca, no plano militar. E ainda bem (para ele) que assim foi, uma vez que, agora, o inimigo era outro, também ele romano e bom conhecedor dos segredos da arte militar... Não cabe aqui recordar os grandes eventos bélicos materializados nos combates de Dirráquio, de Farsalo, de Zela, de Tapso ou de Munda, mas vale, ainda assim, a pena destacar cinco notas na brilhante prestação militar de Júlio César nesta luta mortal contra as forças de Pompeio e dos seus apoiantes (entre os quais Tito Labieno, que fora um dos mais destacados legados de César na Gália mas que, na guerra civil, tomou o partido dos defensores da velha tradição republicana):

Em primeiro lugar, uma constante estratégica nuclear, que já fora posta em prática na Gália e que consistia na decisão de atacar sempre primeiro o coração das forças inimigas (no caso da guerra civil, concentradas na Hispânia) e só depois as periferias e as bolsas de resistência.

Em segundo lugar, a alta velocidade de execução dos grandes movimentos ofensivos: a *celeritas*, que ficou como marca de água do estilo cesariano de fazer a guerra e que repercutiu no seu próprio ‘brasão de armas’, numa espécie de versão avant la lettre da famosa *Blitzkrieg* de Erich von Manstein (1887-1973).

Em terceiro lugar, a capacidade de César para prevenir ou contrariar situações de alto risco através do recurso a improvisos geniais, como sucedeu na planície de Farsalo, na Tessália, a 9 de agosto de 48 a.C.: nesta batalha, César introduziu uma variante na articulação entre as forças de cavalaria e de infantaria que foi decisiva para derrotar o seu arquirrival, apesar da situação de inferioridade numérica em que se encontrava, agravada por um enquadramento psicológico pouco favorável, depois do insucesso registado em Dirráquio. Em Farsalo, reconhecendo o poderio da cavalaria chefiada por Tito Labieno, César inventou uma ‘quarta linha’ de legionários no flanco direito e escondeu-a atrás da sua (bem escassa) cavalaria; quando os pompeianos atacaram, o surgimento desta quarta linha (formada por tropas da X legião e sob o próprio comando de César) por entre o corpo principal da cavalaria ao serviço de Pompeu gerou um efeito de surpresa e de pânico que se revelou devastador e que conduziu à retirada de Labieno do campo de batalha⁹.

Em quarto lugar, o invulgar talento de Júlio César para manter em níveis muito altos o estado anímico das suas legiões. Para que esse efeito se revelasse possível, muito contribuiu o facto de ‘o general da capa vermelha’ ser extremamente próximo dos seus homens: marchava muitas vezes com eles, comia com

⁹ César, *G. Civ.*, Liv. 3, 84-99, 128-136 ; Le Bohec 2001: 380-387.

eles, dormia ao seu lado, partilhava os riscos e as alegrias dos soldados comuns, expunha a sua vida ao mesmo tempo que as deles e, por fim, sabia tratá-los de forma justa e recompensá-los com generosidade. Isto revelou-se decisivo, nos bons e sobretudo nos maus momentos, nos (raros) assomos de indisciplina e revolta no seio das legiões cesarianas (sobretudo em períodos de ausência do comandante) ou na hora de tomar as decisões mais arriscadas (a começar pela travessia do Rubicão). Sem levar isto em linha de conta, não seremos capazes de entender os sucessos militares de César nem de perceber por que razão é que muitos especialistas de hoje consideram as suas legiões como as melhores legiões romanas de sempre¹⁰. Como sintetizou de forma feliz Giovanni Brizzi, César conhecia muito bem a literatura técnica sobre arte militar e tinha Alexandre Magno entre os seus modelos; mas às *aristeai* do herói macedónico acrescentou uma forte *virtus* cívica inspirada nos grandes generais plebeus do século III a.C. (como Marcelo) e na mais recente linha política anti-nobiliárquica (cf. Caio Mário); nos grandes combates da guerra civil, as legiões cesarianas evidenciam uma forte dose de *animus*, de moral, de valor individual e coletivo, de solidez, e foi sobretudo este *esprit de corps* que acabou por fazer a sua excelência¹¹.

Em quinto lugar, o extremo cuidado de César na gestão da logística das suas hostes, muito em especial na questão do abastecimento. Para tanto, a Gália constituía uma magnífica escola (basta ver a frequência com que a palavra *frumentum* aparece nos *Comentários sobre a guerra da Gália*) e chega a ser impressionante acompanhar a forma como, durante a guerra civil, César desloca os seus exércitos tão rapidamente sem se deixar enterrar pela *vexata quaestio* da alimentação das tropas. Aliás, toda a gestão logística é bastante atenta, revelando uma planificação muito cuidadosa das campanhas e uma excecional disciplina e capacidade de organização, expressas também na qualidade dos acampamentos, das colunas de marcha e do transporte de materiais (como os acessórios de cerco), entre outros aspetos.

Provavelmente, nada disto teria sido possível se César não tivesse investido tanto na valorização dos quadros intermédios das legiões. De facto, ao lermos os *Comentários*, percebemos que os grandes heróis das campanhas gaulesas são, não tanto os legados, mas sim os centuriões. As descrições dos acontecimentos das guerras civis confirmam esta impressão. Os centuriões (um pouco mais de meia centena, numa legião completa ao tempo de Augusto) eram o elo de ligação privilegiado entre o comandante e os soldados comuns. Eram, portanto, eles que garantiam essa simbiose perfeita entre o líder e os seus homens, que proporcionavam essa partilha de vida, de atitudes, de riscos e de ideais. Quando as coisas corriam mal, como sucedeu em Munda, em março de 45 a.C. (ironicamente, a última mas também a mais difícil batalha da carreira de César), era sobretudo

¹⁰ Goldsworthy 2009: 34.

¹¹ Brizzi 2008: 29.

ao ânimo e ao coração dos seus centuriões e dos respetivos legionários que César recorria, e não tanto aos compêndios de arte militar antiga. Nesta pequena cidade do sul da atual Espanha, quando percebeu que Tito Labieno, Pompeio «o Jovem» e os respetivos acompanhantes não abandonariam a posição elevada em que se tinham instalado, César deu ordens para atacarem pela encosta acima; logo que o fôlego começou a faltar, que os mortos se começaram a multiplicar pela colina e que o desânimo se principiou a instalar, Júlio César levantou o seu capacete para que todos o pudessem reconhecer e gritou com os seus legionários, propondo-lhes – segundo conta Plutarco¹² – que se não tinham vergonha, que o prendessem e que o entregassem nas mãos daqueles meninos...; o desafio resultou e, embora com grandes baixas, os últimos resistentes pompeianos foram vencidos e mortos em grande quantidade (incluindo Tito Labieno); no final, César confessou aos seus amigos: Combati muitas vezes pela vitória, mas esta foi a primeira vez que lutei pela minha própria vida¹³. Valera-lhe a solidariedade e a estima dos seus soldados e dos quadros intermédios que os comandavam – os centuriões.

Depois de Munda, não mais teremos César em campanha militar. Terá chegado a programar uma ofensiva na Dácia e contra a Pártia, mas o ambiente político em Roma, envenenado pelas desmedidas honras pessoais de que César se deixou cumular, enfurecendo cada vez mais a aristocracia da velha cepa romana e levando-a a desconfiar de que o ditador queria mesmo ser rei (à boa maneira helenística), não permitiu que tais operações pudessem ser postas em marcha. A 15 de março de 44 a.C., um ano apenas a vitória final em Munda, Júlio César foi assassinado em Roma, na cúria anexa ao teatro de Pompeio, por um grupo de conspiradores que, ironicamente, incluía Marco Júnio Bruto, filho de Servília, a sua amante de longa duração¹⁴...

Vencedor no(s) campo(s) de batalha, o ditador caiu às mãos dos políticos, que exigiam o regresso à velha ordem republicana. Significa isto que, como outros que o antecederam (a começar por Cipião «o Africano» e a terminar em Pompeio Magno), podemos concluir que Júlio César foi sobretudo um general vitorioso, mais do que um político talentoso? Penso que não. A breve revisitação da personagem a que aqui procedemos aponta, pelo contrário, noutra direção: tudo em Júlio César é determinado pela lógica e pelas ambições próprias da (grande) política.

O comando da Gália (cujo âmbito manifestamente extravasou, tornando uma operação defensiva que visava travar a migração dos Helvécios e combater os Suevos de Ariovisto numa guerra de conquista a uma escala territorial surpreendente) permitiu-lhe, não só pagar as dívidas contraídas junto de Marco

¹² Plutarco, *Ces.*, 56. 1. 184.

¹³ Idem, *ibid.*

¹⁴ Brandão 2015: 415-422.

Licínio Crasso mas, sobretudo, elevar-se a um protagonismo político tremendo, que os relatos inseridos pelo próprio nos seus *Comentários* e a constante correspondência travada com Roma (incluindo com Marco Túlio Cícero, cujo irmão, Quinto, era legado de César) ajudaram a consolidar. Além disso, a Gália colocou nas mãos de César um poder militar efetivo e de larga escala, capaz de rivalizar com o de Pompeio; e, sem isso, não teria havido nem Rubicão, nem guerra civil. Os seus adversários bem que o anteciparam, exigindo que, no regresso de terras gaulesas, César desmobilizasse as suas legiões antes de reentrar em Roma para concorrer ao consulado (e para prestar contas do seu serviço além-Pirenéus).

Vencida a guerra civil, César dedicou-se de forma quase obsessiva à reforma política da vida romana, legislando febrilmente com a ajuda do seu círculo fechado de amigos e colaboradores, entre os quais avultavam Balbo e Ópio. De guerra, ele só queria ouvir falar para manter a ordem estabelecida ou para obter novos ganhos políticos (segundo rezava uma suposta profecia, para vencer os Partos era necessário possuir o título de *rex*, que o Senado poderia estar em vias de propor a César...)

Na guerra, Júlio César afirmou-se sobretudo como um excelente estratega (muito mais do que como um tático), como um grande planificador de campanhas e como um ótimo gestor psicológico dos recursos humanos à sua disposição. Sem ter imprimido nenhuma mudança radical nos costumes militares romanos (os seus improvisos, embora geniais, são pontuais e irrepetíveis, e não fizeram escola), César foi capaz de tirar o melhor partido possível das qualidades marciais das legiões. Tanto no campo da logística, como nos do armamento, da poliorcética, da engenharia (poderíamos aqui também recordar a famosa ponte sobre o rio Reno, construída em apenas 10 dias, no ano 55 a.C.¹⁵) ou mesmo da tática (recordem-se os esforços desenvolvidos para introduzir algum equilíbrio entre os corpos de infantaria e de cavalaria), César nivelou por cima o padrão militar romano, conduzindo-o à excelência em todas estas valências.

No fundo, César soube aproveitar ao máximo a (boa) tradição militar romana e, sem lhe acrescentar nada de propriamente revolucionário (como o haviam feito Cipião ou Mário), rentabilizou-a com excepcional competência, visão e sentido de oportunidade. Mas talvez isso não seja suficiente para podermos equiparar a faceta militar do general da capa vermelha à faceta política do ditador perpétuo assassinado nos Idos de Março. Uma análise mais fina da carreira de César permite reconhecer que esta última foi sempre determinante e condicionou tudo o mais, ao longo do seu percurso, talvez logo desde a sua candidatura a *Pontifex Maximus*, se não mesmo desde o elogio proferido no funeral da sua tia Júlia, a viúva de Caio Mário. Por isso, compreendemos bem a conclusão a que chegou Yann Le Bohec, no termo do seu monumental estudo sobre a figura militar de Júlio César: “A guerra, para ele, não era senão um meio para triunfar na política.

¹⁵ César, *G. Gálias*, Liv. 4, 16-18, 143-145.

Chegamos, assim, a uma mudança de perspetiva semelhante àquela que tocou J. F. C. Fuller: este historiador anglo-saxónico procurou em César um escritor e achou um militar. Nós, pelo nosso lado, procurámos nele um militar e acabámos por encontrar um político”¹⁶...

BIBLIOGRAFIA

Fontes

- Júlio César, *A Guerra das Gálias* (2004), trad. port. (de Angelina Pires), com Introdução e Notas de Victor Raquel, Lisboa, Edições Sílabo.
- César, *La Guerre civile. Les guerres d’Alexandrie, d’Afrique et d’Espagne* (2.^a ed., 2003), trad. franc. (de M. Artaud e R. Fougères), Clermont-Ferrand, Paleo, Sources de l’Histoire Antique.
- Plutarque, *Vies Parallèles, t. II* (2001), trad. franc. (de Robert Flacellière e Émile Chambry), com Apresentação de Jean Sirinelli, Paris, Robert Lafont.

Estudos

- Brandão, J. L. (2015), “A Primazia de César: do “Primeiro Triunvirato” aos Idos de Março”, in J. L. Brandão e F. Oliveira, F. (coord.), *História de Roma Antiga. Volume I: Das origens à morte de César*, Coimbra, 389-422.
- Brizzi, Giovanni (2008), “Caio Giulio Cesare: profilo di un grande comandante”, in Giovanni Gentili (dir.), *Giulio Cesare – l’uomo, le imprese, il mito*, Silvana Editoriale, 24-31.
- Goldsworthy, A. (2008), *César. A Vida de um Colosso*, trad. port. (de Francisco Paiva Boléo), Lisboa.
- Goldsworthy, A. (2009), “César, um dos grandes generais romanos. À conversa com Adrian Goldsworthy”. Entrevista de João Gouveia Monteiro e Maria Leonor Cruz Pontes, in *Revista de História das Ideias*, 30: 27-38.
- Le Bohec, Y. (2001), *César, Chef de guerre. Stratégie et tactique de la République romaine*, Éditions du Rocher.
- Monteiro, J. G. e Braga, J. E. (2009), *Vegécio. Compêndio da Arte Militar*, edição bilingue, Coimbra.
- Sant’Anna, H. M. de (2015), *História da República Romana*, Petrópolis.

¹⁶ Le Bohec 2001: 480.